

Sarah Diva Silva Ipiranga  
Universidade Estadual do Ceará – UECE, Brasil

Resumo:

Jáder de Carvalho, escritor cearense do séc. XX, tem a criança como um motivo constante na sua poesia. Por meio da relação com a terra de origem (o sertão), a produção poética do autor, ativada pelos recursos da memória, trilha os caminhos da infância mediada pela experiência e por um percurso de formação. Do abandono familiar à compreensão precoce do mundo, visualizamos um menino que interage consigo e com o mundo por uma perspectiva singularizada no infantil. Os conceitos de infância e formação, assim, são essenciais para compreender o lirismo do autor, pois há uma forte conotação nas formas de aprendizagem por que passa a criança. Diferentemente das narrativas de formação (*bildungsroman*) que seguem um percurso sequenciado ao apresentar a linha de vida dos personagens, na poesia percebemos essa linha de forma fragmentada e dispersa. A criança jaderiana apresenta-se poeticamente pela palavra sem preocupação com a logicidade temporal. Um estado de infância se insurge além da cronologia, pois tanto o adulto quanto a criança que ele rememora encontram-se no mesmo plano de descobertas e inquietações, indicando um processo de formação que perdura no poeta em sua velhice. Esse trabalho, portanto, pretende analisar as imagens da infância na poesia de Jáder de Carvalho e sua relação com elementos que se fazem presentes em sua meninice, como o espaço sertanejo, a família, a solidão e o tempo. A partir de considerações sobre as categorias apresentadas, investiga-se de que modo o sertão, paisagem original das vivências do autor, atua de forma relacional com a criança que surge nos poemas e como infância e velhice montam um fluxo contínuo de relações que indicam um diálogo ativo e móvel entre as idades. Com as contribuições de correntes teóricas da Filosofia da Educação (Montaigne, Benjamin, Lyotard, Agamben), da Teoria da Literatura (Bakhtin) e da Psicanálise (Freud) que tratam dos referidos fenômenos, constitui-se uma leitura que busca identificar a infância e seus percursos no trajeto poético de Jáder de Carvalho.

Palavras-chave: Infância, velhice, experiência, formação, Jáder de Carvalho.

Las aguas de la infancia: niño y memoria en la poesía de Jáder de Carvalho

Resumen:

Jáder de Carvalho, escritor cearense del siglo XX, tiene al niño como un motivo constante en su poesía. Por medio de la relación con la tierra de origen (el *sertão*), la producción poética del autor, activada por los recursos de la memoria, traza los caminos de la niñez mediada por la experiencia y por un recorrido de formación. Del abandono familiar a la comprensión precoz del mundo, visualizamos un niño que interactúa consigo y con el mundo desde una perspectiva singularizada en lo infantil. Los conceptos de niñez y formación, así, son esenciales para comprender el lirismo del autor, pues hay una fuerte connotación en las formas de aprendizaje por las que pasa el niño. Diferentemente de las narrativas de formación (*bildungsroman*) que siguen un recorrido secuenciado al presentar la línea de vida de los personajes, en la poesía percibimos esa línea de forma fragmentada y dispersa. El niño jaderiano se presenta poéticamente por la palabra sin preocupación con la lógica temporal. Un estado de niñez insurge más allá de la cronología, pues tanto el adulto como el niño que rememora se encuentran en el mismo plan de descubrimientos e inquietudes, indicando un proceso de formación que perdura en el poeta en su

vejez. Este trabajo, por lo tanto, pretende analizar las imágenes de la niñez en la poesía de Jáder de Carvalho y su relación con elementos que se hacen presentes en su niñez, como el espacio del *sertão*, la familia, la soledad y el tiempo. A partir de consideraciones sobre las categorías presentadas, se investiga de qué modo el *sertão*, paisaje original de las vivencias del autor, actúa de forma relacional con el niño que surge en los poemas y cómo niñez y vejez montan un flujo continuo de relaciones que apuntan hacia un diálogo activo y móvil entre las edades. Con las contribuciones de corrientes teóricas de la Filosofía de la Educación (Montaigne, Walter Benjamin, Lyotard, Agamben), de la Teoría de la Literatura (Mikhail Bakhtin) y del psicoanálisis (Freud) que tratan de los fenómenos referidos, se constituye una lectura que busca identificar la niñez y sus recorridos en la trayectoria poética de Jáder de Carvalho.

Palabras-clave: Niñez, vejez, experiencia, formación, Jáder de Carvalho.

### The waters of childhood: child and memory in the poetry of Jáder de Carvalho

#### Abstract:

The Brazilian poet Jáder de Carvalho (1901-1985) uses the child as a constant motif in his verse. By memorializing his relation with his land of origin (the "hinterland"), Carvalho's poetic production, activated by his own memory resources, tracks the paths of childhood and their mediation by experience and educational process. Between family abandonment and a precocious understanding of the world, we visualize a boy who interacts with himself and the world from a singularized childhood perspective. The concepts of childhood and education are essential to understanding the lyricism of the author, because there is a strong emphasis on the forms of learning through which the child passes. In contrast to educational narratives (*bildungsroman*) that follow a sequenced route in order to present the characters' life-line, we realize that life-line in a fragmented and dispersed way in Carvalho's poetry, which represents the child without concern for linear temporal logic. The state of childhood surpasses chronology because adult and child are in that state on the same plane of discovery, indicating an educational process that remains in the poet in his old age. This study aims to examine the images of childhood in Carvalho's poetry and their relation to elements that are present in his childhood, such as hinterland, family, loneliness and time. Specifically, we investigate how the hinterland--the original landscape of the author's experience--acts in a relational way with the child who appears in the poems, and how childhood and old age maintain a continuous flow of relations, pointing to a mobile and active dialogue between ages. With contributions from theoretical currents from philosophy of education (Montaigne, Benjamin, Lyotard, Agamben), literary theory (Bakhtin) and psychoanalysis (Freud), we analyze how childhood and its journeys participate in Jáder de Carvalho's poetics.

Key-words: childhood, old age, experience, formation, Jáder de Carvalho



## AS ÁGUAS DA INFÂNCIA: CRIANÇA E MEMÓRIA NA POESIA DE JÁDER DE CARVALHO

Ah, eu bebi da água da fonte,  
Nela molhei meu coração [...]  
Meu verso é a voz dessa fonte,  
A canção da água trêmula e desconhecida.

Com esses versos, Jäder de Carvalho, poeta cearense do século XX (1901-1985), inicia uma coletânea de poemas (*Água da fonte*, 1966) em que o tema da infância mostra-se fundamental e decisivo na sua feitura poética. A fonte, de que fala o escritor, leva-nos a refletir sobre o impacto das *águas da infância* na sua obra. Ela é fonte de vida e, sobretudo, de escrita. Por meio de sua insurgência, o autor recria experiências, escreve-as e torna a vivê-las em sua maturidade. A infância revela-se, então, como voz que produz a canção do poeta, atravessa seu verso e o constitui como sujeito.

Na leitura da coletânea e de outros livros do poeta, como *Menino só* (1977) e *Delírio da solidão* (1980), percebemos um diverso e amplo temário sem preocupação com datas, encadeamentos lógicos ou temporais e nenhum esforço de aglutinação de pessoas ou temas, aproximando-se mais de um jorro de lembranças, uma fonte que jorra sem parar. Apesar dessa dispersão, um traçado da nascente à foz se faz entrever e nele a dimensão da aprendizagem e da formação amalgama-se de forma subliminar à travessia percorrida. Da serra onde nasceu à convivência com os parentes, passando pelas transformações que a mudança para a cidade opera até o sentimento da velhice que se instala, o autor dá-nos a ver o tempo da vida e da memória imbricados pela poesia e insuflados pela infância que nele permanece de forma ativa. Assim, situada no plano da rememoração, a poesia de Jäder, ativada na velhice<sup>1</sup>, arrasta a infância num movimento ágil, já que o velho não deseja o menino com nostalgia, ele é o menino.

---

<sup>1</sup> Os livros de poesia com tom mais memorialista aparecem na década de 60 (*Água da fonte* - 1966; *Alma em trovas* - 1974; *Menino só* - 1977; *Rua da minha vida* - 1981; *Delírio da solidão* - 1980), quando o autor já se encontra em idade mais avançada, com uma pendência maior para as lembranças. Em depoimento, deixou bem clara essa opção: "Eu tirei o ano de 81 para comemorar sem intervalos a minha vida literária. Escrevi um livro de versos, *Rua da minha vida*, no qual realmente está a minha vida e esta casa, em cuja sala estamos conversando. [...] Acabei de escrever essa semana minhas micromemórias, que vão desde o meu nascimento na Serra do Estevão, até o Governo Parsifal Barroso" (CARVALHO, 1987, p. 81).

Em relação ao gênero, as características apresentadas acima poderiam aproximar seus textos da chamada *autobiografia*. Mesmo sendo esta mais vinculada à prosa e ao seu compromisso com um descortinar da verdade, seja íntima ou histórica, ela nos dá um caminho de leitura em relação à atividade de recontar o vivido empreendida tal como pelo poeta em seus livros: “A autobiografia inscreve-se tanto no campo do conhecimento histórico (desejo de saber e de compreender) e no campo da ação (promessa de facultar esse conhecimento aos outros), como na área da criação artística.” (LEJEUNE, 2003, p. 41). Assim, inserido no *tempo do saber*, pois um conhecimento se articula, no *tempo da ação*, já que o texto vive por meio da sua leitura e do impacto da sua recepção, e no *espaço da arte*, posto encontrar-se filiado a um gênero artístico, não sendo um mero recontar quantitativo, o autor cria uma identidade ‘real’, um encontro com suas experiências e ao mesmo tempo forma uma *identidade poética*, na qual o traço lírico e as suas vivências cruzam-se e produzem tanto uma ética quanto uma estética. No entanto, o que nos interessa aqui não será discutir a problemática que cerca o gênero, a autobiografia, já que este não é o nosso objeto de estudo, mas analisar de que maneira o sujeito poético, observador de si e dos seus arredores, ativa lembranças que atuam poderosamente no adulto. Mais precisamente, enfatizar como *o menino permanece sendo o sujeito que escreve através do adulto*. Isso não significa dizer que as poesias se revelem como um texto com traços ‘infantis’ ou mesmo uma nostalgia da velhice. Trata-se, na verdade, de investigar uma permanência na ausência, ou seja, a presença do tempo infante que atravessa o tempo cronológico.

Para isso, procuramos dividir a análise em duas seções. Na primeira busca-se compreender o estatuto da infância nos livros, como ela se apresenta e suas interações. Na segunda parte, adentra-se mais particularmente nas experiências vividas pelo menino e como elas proporcionam um percurso formativo (*bildung*). A fim de compreender esse processo, as teorias literárias, bem-vindas já que estamos diante de um objeto feito de palavras poéticas, mostram-se insuficientes tanto para apreender a infância enquanto fenômeno quanto para fazer uma leitura do conceito de formação particularizado no tecido da poesia. Assim, as águas da



infância pedem um mergulho na Filosofia da Educação, para que possam tornar-se menos trêmulas e mais conhecidas.

### **Ser-tão criança: infância e natureza**

Mais conhecido por sua obra romanesca e pela ênfase social de seus escritos, já que foi um homem muito ligado aos movimentos sociais do Ceará<sup>2</sup>, Jáder tem na produção lírica um alcance literário diferenciado, com um tom memorialista que evoca a *infância* de forma dispersa e intensa nos diversos livros de poesia que publicou. Por isso, pela recorrência e densidade, podemos identificá-la como instância expressiva e temática, geradora de sentidos e de um imaginário específico dentro da obra.

Homem do sertão, Jáder de Carvalho morou boa parte da sua infância na Serra do Estêvão (Quixadá), vivência agregada à sua escrita poética. Dessa forma, de início, quando localizamos os poemas que tratam da meninice do escritor, algumas situações se ‘colam’ a ela de forma a torná-la *relacional*, ou seja, a identidade que se vai criando a partir do estado infante constrói-se mediante a companhia desses indicadores. Delineia-se uma infância múltipla e em diálogo com uma série de elementos e situações que a constituem. No caso dos poemas de Jáder, o *locus* sertão e as imagens que o acompanham criam um *estado de infância*. A perspectiva regionalista, entretanto, que tanto caracteriza essa combinação (menino-sertão), aqui não é determinante. O sertão não é um espaço rígido, paisagem que abrigou uma parte da vida; o sertão é criança, com suas vicissitudes e desafios. Nesse plano de similaridade, de uma paridade poética ímpar, o poeta cria e elabora uma condição grupal, em que *menino, paisagem, tempo e experiência* se alternam nos estados poéticos do adulto.

Em “Cidadezinha” (CARVALHO, 1997, p. 24), o ‘estar criança’ é marcado justamente pela correlação menino-sertão e pela ligação temporal da infância e velhice num plano que não é o da sequência cumulativa de tempo.

---

<sup>2</sup> Jáder ficou famoso pelos romances de denúncia que publicou, com destaque para *Classe média* e *Doutor Geraldo* (1937), *Sua majestade, o Juiz* (1962), *Aldeota* (1963), nos quais faz uma crítica contundente à sociedade cearense da época.

É preciso ter alma de menino,  
Para viver nesta cidadezinha,  
Refletida no rio onde me banho,  
Idealmente, nas manhãs de sol.

Ai, não apenas ser o menino:  
É que o menino tenha vindo ao mundo  
Numa casinha dessa rua antiga,  
Que há séculos dorme ao pé do rio.

Nas duas primeiras estrofes, fica claro o amálgama entre o menino e a cidadezinha do interior. Tanto a cidade requer uma 'alma de menino' para que nela se consiga viver, como o menino precisa da casa naquela rua para ser a sua infância. Estados d'alma são necessários a fim de que a cidade e o menino existam na realidade e na memória do poeta. Podemos inferir, então, que o adulto, quando escreve o poema, só consegue voltar e habitar aquele lugar (mesmo que pela imaginação, já que nele não mais mora - homem velho instalado na cidade), porque guarda a infância em si. Essa viagem pelos tempos é possível mediante um *pacto* entre as duas idades e a permanência de um estado infante que não se desfaz com o próprio tempo. A escrita é o veículo da viagem, pois é através dela que se cria a ponte entre as duas experiências. A poesia, portanto, refaz a infância, revive-a para ela e para o adulto.

O que, na verdade, se processa é um fluxo entre eles: os dois se visitam em uma troca temporal inédita, cheia de mobilidade e transformações. Para compreender essa articulação, é essencial que se escolha uma possibilidade de conceituar a infância. São vários os campos de saber que enfrentam e delimitam esse conceito (psicologia, educação, sociologia, filosofia etc.). Na Psicologia, por exemplo, onde ele é um objeto de estudo privilegiado, trabalha-se com faixas etárias correspondentes a atitudes e desempenhos mentais e afetivos específicos (infância, pré-adolescência, adolescência etc.). Há, claro, trânsito entre os estados e mesmo confluência entre eles. Mas, para que a ciência exista, ela precisa trabalhar com universais recorrentes que possam atestar a inclusão de comportamentos em uma fase determinada. Na literatura, entretanto, onde o desejo de classificar e normatizar inexistente, a infância tem a possibilidade de acontecer por ela mesma, a



descoberto dos véus da ciência e da sua necessidade de compreensão racional. Para possibilitar uma articulação teórica com esse espaço literário, que possa compreendê-lo na sua salutar incompletude e na abertura que propõe em relação aos modelos que ficcionaliza, encontramos um aporte sensível na Filosofia da Educação, no que ela propõe de questionador ao *locus* da infância, na problematização que elabora dos lugares já constituídos sobre a criança e, sobretudo, na abertura de um diálogo mais democrático e libertador com as formas poéticas. Desde Montaigne (“A história é mais minha seara; ou a poesia, que amo com uma inclinação especial”) (2005, p. 33), essa conversação acontece de forma a não engessar a literatura e, assim, possibilitar à infância que possa ser ela mesma, com autonomia em suas fragilidades e riquezas: “[...] é uma grande ingenuidade ensinar a nossas crianças a ciência dos astros e o movimento da oitava esfera antes dos delas mesmas” (MONTAIGNE, 2005, p. 70-71).

Dentro dessa articulação, torna-se possível ler a infância no texto literário como um ‘estar-ser’ que escapa a uma periodização específica e atravessa todo o percurso do homem nas várias fases que vivencia. Podemos, assim, visualizar a infância como uma nuvem, “uma energia flutuante” (LYOTARD, 1997), um fluxo que, a despeito de traumas, situações e objetos específicos, mantém-se como propulsor do humano e da criação artística. Segundo o filósofo francês Lyotard, a infância “persiste mesmo na vida adulta” (1989, p. 11), apesar da educação e da razão. Ela permanece como força de resistência a um inumano que ameaça a humanidade.

Não é essa a compreensão, entretanto, que encontramos em muitos estudos sobre textos memorialistas, em que se analisa o papel da ‘menoridade temporal’ na vida dos escritores. Recupera-se uma infância quase absoluta, fechada, pronta, que é transportada para a vida adulta como um bloco integrador. Ela vem somente para explicar o adulto, justificar suas escolhas e os caminhos tomados (muitas das leituras sobre a infância do escritor Graciliano Ramos têm essa tendência). Na verdade, a infância é movente e aciona vários comportamentos e visões do mundo que continuam operando modificações e ações no decurso da vida e da obra. Para Lyotard, a infância existe desde sempre, “[...] incrustada no corpo, sendo o próprio corpo, para toda a vida” (1997, p. 44-45). Se “[...] uma

criança não nos deixa de ter nascido” (LYOTARD, 1997, p. 42), ela é uma condição de experiência e estar-no-mundo. Ou seja, a ideia do ‘baú de ossos’, da infância esqueleto, da arca guardada a sete chaves e que será reaberta num momento específico da vida, quase sempre na velhice, não é o único aporte de leitura que a infância nos oferece. Por isso, podemos compreender por que, nas poesias de Jáder de Carvalho, os desdobramentos da vida são acionados não só pelas atitudes do homem (o adulto da escrita encontra-se na velhice), mas também pelo menino que continua se processando dentro dele. A criança, então, na memória de Jáder não é um menino parado, imagem de um tempo perdido, ou mesmo um esqueleto dentro de um caixão, porém uma criança viva<sup>3</sup>, atuante, cujas concepções continuam acionando leituras do mundo e disparando ações dentro dele. O poema “Velho e menino” (CARVALHO, 1997, p. 32), em que o conectivo aditivo *e* deixa visível a relação de coexistência entre os dois, explicita bem essa visão (grifo nosso):

Eu, por exemplo, no caminho longo,  
Que inda percorro, por favor dos deuses,  
Vejo que os meus cabelos embranquecem  
E há lembranças nas rugas do meu rosto.

Porém, dentro de mim, nada mudou.  
Minh’alma sonha. O coração espera:  
Meu coração tem suas madrugadas...

Se o menino de outrora em mim não morre,  
Não é para atirar pedras nas árvores:  
É mais para aprender a andar na vida.

Infere-se pela leitura que a permanência da infância não significa a repetição de comportamentos infantis, brincalhões ou descompromissados. O menino continua o seu processo de formação (*bildung*) dentro do homem. Uma vez que a criança não morre, é ela, e não o adulto, que dá continuidade ao percurso de amadurecimento e transformação. Ao contrário da ideia da infância como uma fase a ser superada, como as classificações organizadas pela Psicologia do

---

<sup>3</sup> *A criança vive* (1945) é o título de um dos romances de Jáder de Carvalho.



Desenvolvimento, o poeta propõe um estado de infância que se mantém dentro do homem e dialoga constantemente com ele.

O conceito de *bildung* atravessa a história da humanidade como um ideal de formação do homem. Nesse percurso ele tem várias imagens e condições, mas a idéia de aperfeiçoamento e autonomia mantém-se historicamente: “Cada indivíduo particular que se eleva de seu ser natural a um ser espiritual caminha em direção àquilo que a modernidade chamou de formação cultural” (MITROVICH, 2011, p. 29). Muitos foram os estudiosos que se debruçaram sobre essa questão, tentando compreendê-la tanto nas engrenagens sociais (Norbert Elias), quanto na sua envergadura filosófica, de composição do ser (Walter Benjamin).

O termo tem também na literatura uma função essencial já que gera um gênero: o *bildungsroman*. Dentro dessa perspectiva, destacam-se os estudos de Mikhail Bakhtin. Para ele, a formação do homem se dá pelo tempo ou idade que ele habita ou habita dentro dele. Na análise que faz dos Romances de Formação (*bildungsroman*), o linguista russo nos indica que em muitos desses livros, principalmente os dos chamados ‘tempos cíclicos’, percorre-se uma linha temporal que atesta a mudança de comportamentos e que nos coloca o amadurecimento do homem como o final da ‘linha’:

Esse tipo de romance de formação é caracterizado pela representação do mundo e da vida como experiência, como escola, pela qual todo e qualquer indivíduo deve passar e levar dela o mesmo resultado – a sobriedade com esse ou aquele grau de resignação (BAKHTIN, 2003, p. 220).

A partir dessa leitura, ele nos faz ver que, na visão cíclica destes romances, há uma linha marcada, um final previsível, quase uma imagem pronta das experiências da infância como também da sabedoria que só a velhice pode trazer. Numa outra perspectiva, Bakhtin identifica em romances mais modernos, a partir do séc. XIX, sobretudo pela influência do Realismo, a constituição de uma trama na qual o tempo é historicamente apreendido em sua mutabilidade e na sua interioridade: “um tempo que se interioriza no homem, passa a integrar a sua própria imagem, modificando substancialmente o significado de todos os momentos do seu destino e da sua vida” (BAKHTIN, 2003, p. 220).

Visualiza-se assim uma dicotomia que traz para o termo condições de existência diferenciadas. De um lado uma formação 'utilitária' e inevitável, destino do homem e ideal de sabedoria: "um conceito que tem em sua essência uma perspectiva do que é gradual, [...] de uma disciplina social sempre voltada para o futuro" (MITROVITCH, 2011, p. 31). De outro lado, um processo que se renova a cada experiência e que não necessita do futuro para existir ou produzir significado.

Nas reflexões bakhtinianas, o foco são os romances; aqui estamos em face de textos poéticos. Essa diferenciação de gênero é crucial para uma outra compreensão do fenômeno da formação, já que na poesia não dispomos de um 'plano', de um encadeamento narrativo que indica o percurso narrativo do autor. Isso, de certa forma, já altera a significação do fenômeno, que passa, pelo gênero, por uma abordagem menos absoluta, mais dispersa, apartada de uma intencionalidade ou de uma previsão certa. A formação, aqui, sai do 'rumo' e alcança uma dimensão rarefeita, nem por isso menos densa.

Na feitura poética, estamos mais próximos dos rastros, da vivência que vai formando o homem sem nem ele mesmo perceber. Não é uma tarefa que o ser humano se impõe ou exigência para o bem da coletividade. Isso, claro, pode acontecer, mas a formação também se dá "à revelia" ou acaso. O poeta, no vasculhamento da memória, ativa um processo que não é necessariamente o do trabalho formal e planejado. As cenas vêm fragmentadas e nem sempre deságuam numa significação plena ou fechada. Esse 'descuido' acompanha as 'pistas' de forma quase inconsciente, desobrigado de uma sequência. O poeta, como o caçador retratado por Walter Benjamin, segue o rastro das imagens poéticas.

As experiências de quem persegue um rastro provêm só muito remotamente de uma atividade de trabalho, ou são totalmente desvinculadas dele [...] Elas não possuem sequência, nem sistema. São um produto do acaso e carregam em si a marca do essencialmente inacabável, que caracteriza as obrigações preferidas do ocioso (BENJAMIN, 2006, p. 841).

Podemos perceber nos poemas de Carvalho que tratam da memória da infância essa linha temporal mais fragmentada, indicando uma relação com o tempo interiorizada, absorvida em significância. Nesse processo de formação da



subjetividade, a descontinuidade tem lugar de uma outra forma: o adulto, na velhice, volta ao menino e ao lugar onde morou. O menino, no entanto, não vem completo, sua 'inteireza' se estende no trajeto da vida e reforça a ideia de um sujeito permanentemente fragmentado, disperso entre as partículas do tempo. Recuperar as imagens da infância pode, em princípio, dar essa ilusão da completude, de montar, pela rememoração, um quadro que reúna essas partículas soltas. No entanto, ao fazê-lo por meio da poesia, atesta-se novamente a incompletude, já que a inteireza do ser só pode ser compreendida num movimento de vem e vai, da criança para o adulto e do adulto para criança. Não há como parar esse movimento sob pena de perder o menino e o homem.

Assim, escrever é manter-se nesse moto contínuo, suspenso, incerto, como acontece no poema "Fazenda antiga", no qual um homem tripartido só se encontra na versatilidade das imagens que o constituem: *menino, sertão, velhice*. Visualizamos uma pirâmide, onde os sujeitos mudam de lugar constantemente (grifos nossos).

Foi no último domingo deste mês  
(mês de dezembro, de manhãs nubladas).  
Eu quis dormir numa fazenda antiga:  
minha intenção era matar saudades.

Os donos da fazenda, meus parentes,  
Já se foram do mundo há muito tempo,  
com saudade do gado e das ovelhas,  
com saudade das cabras e do açude.

Andei a casa toda. *Os filhos guardam  
a alma dos pais*. E assim, pude falar  
como se, acaso, inda estivessem vivos.

E tive um sonho: a vaca "Mariposa",  
que gostava de mim, quando eu menino,  
lambeu-me os pés e conversou comigo.

No poema, de tom drummondiano, é o velho que deseja (a saudade é uma ação), mas só pode concretizar o sonho por meio do menino. Atentemos para o fato de que ele não se lembra de um dia ter dormido numa fazenda, não é apenas

a memória de uma lembrança. É uma vontade que precisa do que não mais existe para ser realidade. Isto porque, como afirmam Lyotard e Agamben, o tempo que se interioriza no homem, a infância, continua produzindo significados. Os mortos restam mortos, todavia neles permanece a saudade como se vivos estivessem. Quando diz “Andei a casa toda”, foi o adulto que agiu e se colocou no lugar da volta. Já a criança retorna não somente no desejo do velho, mas principalmente no sonho com o animal. Aí, entretanto, ocorre uma modificação, não surge o menino, sozinho e idealizado, mas o seu entorno, como falamos anteriormente. A criança, o adulto e o animal constroem uma *memória compartilhada* através de uma experiência: “a vaca [...] lambeu os pés e conversou comigo”.

É nesse diálogo com o tempo que a experiência se constitui e que pode ser compreendida “enquanto infância do homem” (AGAMBEN, 2005, p. 59), infância esta que continua “produzindo a cada vez o homem como sujeito” (AGAMBEN, 2005, p. 59). A infância, pois, torna-se a possibilidade de gerar a memória e reescrever a experiência.

Como falamos anteriormente, sertão, infância, experiência e tempo fundem-se poeticamente para construir o imaginário infantil na poesia de Jáder de Carvalho. O escritor, na velhice, recupera pela poesia a criança que estava à deriva. Isso por sua vez gera novas significações sobre a vida e a morte articuladas pelas imagens que a infância sertaneja deixou. Assim, resgatar o tempo é trazer uma série de objetos e situações que circundaram a infância sertaneja de Jáder e fundir passado e presente, ontem e agora. E porque mantém essa relação com a infância e o espaço, ele pode usufruir um tempo novo sempre, associado ao lugar onde morou (“Relógio antigo”) (CARVALHO, 1997, p. 68):

Não, eu não sinto que me espera a morte.  
Bate o meu coração como batia,  
Quando a cidade era inocente e verde  
E o lampião alumia a esquina.



## Aprendizagem e formação: o espaço da dor

Compreender a infância é também se chegar aos sentimentos que a ela se colaram e aos processos formativos que vivenciou, pois, ao escrever, o poeta revive uma série de sensações que integram a constituição do tempo que viveu e os significados para a infância. Assim, nas poesias desvenda-se a criança jaderiana, revelada na sua *indigência afetiva* e *maturidade precoce*. São esses sentimentos que mais atravessam a poesia de Jáder: a infelicidade e a solidão. Há um poema em particular - “Menino morto” (CARVALHO, 1966, p. 8) -, que liricamente nos indica o lugar da dor na experiência da infância sertaneja.

Fui um menino lírico. Talvez  
a criança mais bela e mais feliz.  
[...]  
Na dor, amadurei antes de tempo.  
[...]  
Ontem, segui o enterro, pela rua,  
de um mortinho que não fizera os dez  
e fugia da vida sem vivê-la.

Fui ver o rosto do menino morto...  
Fechei os olhos e gritei, chorando:  
\_Homens, foi nessa idade que eu morri.

Na leitura podemos perceber que o poeta, quando encara a infância, se depara, contraditoriamente, com a sua morte. Ao encontrar o menino que foi, o poeta encontra-se com a beleza de si e ao mesmo tempo com as perdas: auge e decadência da infância. De volta para o presente, depara-se com uma criança morta que, pela similitude de planos, aciona o passado e a sua iluminação: “\_Homens, foi nessa idade que morri”. Uma criança morta no presente retoma uma outra, deixada morta no passado. O enterro, de certa forma, traz de volta à vida a infância.

Antes da infelicidade, porém, o poeta diz-se lírico, enfatizando um estado de espírito que caracteriza o ser-criança. Ser lírico equivale a considerar a imaginação e a fantasia como aportes essenciais à construção da subjetividade infantil. Entre o lirismo, força de vida, e a realidade, motor da morte, a infância

tenta equilibrar-se. No desequilíbrio entre as forças, instala-se a solidão, que parece ser o sentimento que mais se cola à infância do autor. No poema “Menino só” (CARVALHO, 1997, p. 17), tal estado mostra-se latente:

Não tive mãe, quando me foi preciso.  
Não me deram ternura entre os parentes.  
Cresci na solidão que não me deixa

O lirismo diz da “linguagem da ternura”, “que possui modos e intensidades próprios” (REIS, 1997, p. 60). Ele, portanto, nos situa nos domínios da infância; já a entrada da realidade, sem as mediações necessárias, corresponde à ruptura com as imagens constituintes do menino. Se a solidão para os adultos é a possibilidade de emancipação (“Só a solidão, com efeito, emancipa – virtualmente – a vivência de qualquer acontecimento”) (BENJAMIN, 2006, p. 845), na criança ela é sinônimo de abandono e tem como consequência a necessidade de criar por si mesma as condições de viver experiências para as quais não está preparada. Antecipa-se um tempo sem a formação adequada.

Aí se instala o grande sofrimento da infância: perdê-la quando ela ainda é sua. Perder a infância é tirá-la de si, dá-la para o tempo que cobra o homem antes do menino (CARVALHO, 1966, p. 15).

É que falta o começo em minha vida:  
amargo, seco, eu sempre fui, sem dúvida,  
um fruto triste, que não vem da flor

No decorrer dos livros, encontramos vários outros poemas que trazem a dimensão do doer na criança. O adulto, consciente do menino que nele habita e permanece, pode retornar ao passado como a cuidar de uma ferida. Cabe a ele nomear o sofrimento por que passou a criança. Para a Psicanálise, sobretudo nos estudos de Ferenczi (1992) sobre a criança, a infância precisa de garantias mínimas para o reconhecimento de sua alteridade (REIS, 1997, p. 61). Isso não quer dizer que o sofrimento seja desnecessário, já que ele é na verdade estruturante da subjetividade. Se a infância possibilita a emergência do humano (AGAMBEN), é através da dor traumática que o sujeito se elabora, desde que a ela atribua um



nome e uma representação. No entanto, a percepção precoce, a chamada ‘criança sábia’, impulsionada pela solidão e pela consciência dos problemas que dizem respeito aos adultos (em vários poemas de Jáder percebemos que sua intensa preocupação social, marca registrada da atuação e da obra do escritor, já estava presente nos seus primeiros anos) antecipa uma sabedoria que traz o amargo da dor: “Com isto, temos uma aceleração da temporalidade [...]. A criança então se vê convocada a assumir o papel do adulto...” (REIS, 1997, p. 61).

Não me sinto culpado. Essa amargura  
Que trava, e desagrada, não é minha;  
Nasce da infância de um menino só,  
Que o mundo amadurou antes do tempo.  
(CARVALHO, 1997, p. 17)

O *peso do mundo*, que funciona também como uma das manifestações do processo de formação a que somos submetidos, adquire várias conotações e imagens de acordo com o ponto de vista pelo qual é abordado. Na filosofia platônica, o estatuto da prevalência do futuro sobre o presente indica os rumos que a educação toma na formação das crianças, funcionando como ‘peso’ ao qual devem se submeter. Para Platão, deve-se formar as crianças para que sejam adultos capazes de comandar a *polis* e protegê-la (PLATÃO, 1990). Assim, os ensinamentos visam sempre um estar além, a infância como uma pré-existência que precisa ser amadurecida pela educação.

Numa perspectiva histórica, Philippe Ariès identifica a escola como um dos instrumentos que prepara a criança para o peso do mundo real. Segundo ele, a escola funciona como uma força importantíssima na formação das crianças e na superação do mundo doméstico em que elas estavam enredadas: “[...] a criança foi separada dos adultos e mantida a distância numa espécie de quarentena, antes de ser solta no mundo. Essa quarentena foi a escola, o colégio” (ARIÈS, 2006, p. XI). Verifica-se, portanto, que na verdade há um conjunto de agentes e situações que são responsáveis pela infância e sua formação: a família, a escola, os desejos do mundo. A sua modulação existencial pode acontecer então atravessada por todas essas linhas de poder, com forças diferenciadas.

## Uma infância sem par

Na leitura dos poemas que apresentamos anteriormente, percebemos uma criança distante da família e próxima do mundo e do sofrimento íntimo, ou seja, apartada do afeto e da experiência que são transmitidos pelo núcleo familiar. Quanto à escola, ela não se faz referência importante na poesia jaderiana. Menino do sertão, Jáder não tem o colégio como um espaço decisivo na sua formação. Aliás, há poucas referências à instituição escolar, professores, colegas. Desprovido, portanto, desta educação fornecida pelos bancos escolares, ele tem que acionar a aprendizagem partindo da sua desprotegida e solitária meninice.

Resta a ele o sertão, a paisagem da serra onde nasceu, os elementos naturais que podem aliviar essa insurgência poderosa do mundo. No entanto a infância também encontrará no espaço natural uma vivência da dor. A vida na serra, apesar da chuva, também é difícil, pois a paisagem que se desenha na infância cola-se à paisagem do sertão. O imaginário infantil se amalgama à geografia e esta passa a oferecer suas imagens para a infância. Isso pode ser percebido no poema “Serra do Estêvão” (1966, p. 23), onde a natureza adquire uma secura que não é da seca nordestina, dos miseráveis e dos retirantes, é uma seca humana, a ausência da infância.

Não tem nenhuma fonte a minha serra  
A água que ali bebemos vem das nuvens.  
Por isso, a terra é nua e de homens tristes,  
Mais tristes que as mulheres, muito mais.

As mulheres não cantam nos crepúsculos,  
Não cantam mesmo quando a lua é cheia.  
E os meninos, com frio, como pensam,  
Maduros no sofrer e no pensar.

As paisagens se fundem, a geográfica e a afetiva, para configurar um estado de infância. O que parece oposição ao poema que dá início a este trabalho, configura-se, em verdade, como duplicidade do signo que tanto atesta o caráter metafórico do texto literário quanto diz de uma abertura de significados encarnada pela própria infância. Se por um lado, enquanto fenômeno vital na vida do ser humano, ela é *fonte* para escrita, símbolo da fertilidade, da profusão de



significância e potência de sentido, por outro, aquela que existe na realidade concreta de seus agentes e vivências, se experimentada na expressão da dor e da solidão, encara sua contraface e mostra-se como ausência, secura, na contradição tão bem percebida pelo poeta: “um fruto triste, que não vem da flor”.

Diante dessa nova perspectiva, podemos nos perguntar: como manter esse estado de infância durante toda a vida quando ele em parte foi perdido na própria infância? É nessa tensão constante que encontramos os poemas de Jáder de Carvalho. Uma infância retida que teima em sobreviver e comandar o homem. Nessa travessia, ela é teimosa, lírica, ultrajada, infeliz, perdida, enfim, um caldeirão de emoções que precisa da escrita para se constituir e virar texto, texto que explica e faz pulsar novamente o menino.

*Enviado em: 02/03/2013*

*Aprovado em: 05/04/2013*

## Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Tradução: Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2 ed. Tradução: Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4 ed. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENJAMIM, Walter. *Passagens*. Tradução: Irene Aron, Cleonice Paes B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

CARVALHO, Jáder de. *Delírio da solidão*. Fortaleza: Edições UFC, .

\_\_\_\_\_. *Menino só*. 2 ed. Fortaleza: Ed. UFC, 1977.

\_\_\_\_\_. *Água da fonte*. Fortaleza: Ed. Instituto do Ceará, 1966.

FERENCZI, S. "O sonho do bebê sábio". In: *Obras completas*. Vol. III. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LEJEUNE, Philippe. "Definir autobiografia". Tradução: Paula Morão. In: *Autobiografia e auto-representação* (org. Paula Morão). Lisboa: Edições Colibri, 2003. ACT8 Faculdade da Universidade de Lisboa; Centro de Estudos Comparatistas.

LYOTARD, Jean-François. *Lecturas de infancia*. Buenos Aires: EUDEBA, 1997.

\_\_\_\_\_. *O inumano: considerações sobre o tempo*. Trad. Ana Cristina Seabra e Elisabete Alexandre. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

MITROVITCH, Caroline. *Experiência e formação em Walter Benjamin*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

MONTAIGNE, Michel de. *A educação das crianças*. Tradução: Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PLATÃO. *A República*. Tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 1990.

REIS, Eliana Schueler. "Vida e morte do bebê sábio". In: SANTA ROZA, Eliza; REIS, Eliana Schueler (orgs.). *Da análise na infância ao infantil na análise*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1997.